



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CURSO DE JORNALISMO

**ANNA GABRYELLA ALVES**

**GEISA PEIXOTO DOS REIS**

**SOBREVIVENDO NA RUA**

**(Documentário sobre pessoas em situação de rua)**

GOIÂNIA

2020



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

**SOBREVIVENDO NA RUA**  
**(Documentário sobre pessoas em situação de rua)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final para a conclusão do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, orientado pelo Professor Me. Enzo de Lisita.

GOIÂNIA

2020

ALVES, Anna Gabryella; DOS REIS, Geisa Peixoto. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Escola de Comunicação / Curso de Jornalismo. Goiânia/GO, 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Banca Examinadora:

---

Profº. Me. Enzo de Lisita Orientador

---

Profº. Dr. Rogério Pereira Borges Examinador - Convidado

---

Profª. Drª. Eliani Covem Examinadora - Convidada

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade de poder realizar o meu sonho de estudar jornalismo e concluir com saúde e por ele ter me dado forças quando achei que não tinha mais motivos para continuar. Eternamente grata a minha mãe que sempre me apoiou e lutou muito para me ver formada em algo que eu realmente gostasse, se desdobrando financeiramente para realizar esse sonho, com palavras de fé, amor e calma. Agradeço a minha madrinha Vidolina que me acolheu desde o início para fazer o curso e todos os meus familiares que me acompanharam nesta caminhada. Agradeço ao professor e orientador Enzo de Lisita que abraçou nossa ideia e a todo momento nos incentivou e ajudou. Aos meus amigos por me ajudarem com o colo e palavras de conforto em meus piores momentos.

**Anna Gabryella Alves**

Agradeço a minha super mãe, Marinilza, que sempre priorizou o meu bem estar, garantiu que eu tivesse uma educação de qualidade e me ensinou os valores e princípios que tenho hoje. Esteve sempre ao meu lado, me apoiando de forma financeira e emocional. Graças a ela, aprendi que o valor das pessoas não está no dinheiro que elas têm. Agradeço ao meu pai Gilon e a minha tia Ivoneide que me apoiaram financeiramente. Agradeço a minha tia Beu, pelas caronas nos dias chuvosos, ao apoio financeiro e o incentivo em todos os meus projetos. Agradeço a minha avó, Joaquina, por ser minha inspiração de vida. Agradeço ao meu avô, Gregório, que sempre acreditou e se orgulhou em mim. Agradeço ao meu tio Gilson que nunca duvidou que eu seria capaz. Agradeço também a minha tia Ceíça, que esteve sempre me apoiando. Gratidão eterna a todos da minha família, que participaram diretamente ou não, desse desafio que durou 4 anos. Agradeço aos meus amigos, que conquistei durante a faculdade, em especial, Jyeniffer, Izaura e Carol, que estiveram em todos os momentos ao meu lado, me apoiando, me incentivando e consolando com palavras carinhosas. Agradeço ao meu amor, Felipe, que me apoio e acreditou em mim, até mesmo quando eu não acreditei. Agradeço a Anna que aceitou encarar esse desafio e não desistiu, mesmo quando surgiram dificuldades. E um agradecimento mais que especial ao professor e orientador, Enzo de Lesita, que abraçou esse projeto, nos incentivou, teve muita paciência e sempre nos instigou a não desistir.

**Geisa Peixoto dos Reis**

**RESUMO:** A presente pesquisa, resultou em um documentário denominado, **Sobrevivendo na rua** que tem como objetivo entender os diversos fatores que contribuem para que as pessoas vão morar nas calçadas. Para isso, utilizamos pesquisas realizadas pelo governo, dados e reportagens de jornais. Dividido em duas partes, trazemos na parte teórica, informações sobre o perfil das pessoas em situação de rua. Na segunda parte, entrevistas realizadas para a produção audiovisual, onde identificamos pessoas com diferentes histórias e particularidades, mas que compartilhavam do mesmo espaço de sobrevivência, a rua.

**Palavras chave:** Documentário, vulnerabilidade social, sociedade.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1. VUNERABILIDADE SOCIAL .....</b>	<b>08</b>
1.1 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM GOIÁS .....	12
1.2 POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA VULNERABILIDADE SOCIAL .....	15
1.3 PROJETOS E ORGANIZAÇÕES .....	19
<b>2. DOCUMENTÁRIO .....</b>	<b>21</b>
2.1 HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO NO BRASIL .....	23
2.2 DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO .....	25
2.3 MODOS DO DOCUMENTÁRIO .....	27
2.4. CONSTRUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO.....	30
<b>3. DIÁRIO DE BORDO.....</b>	<b>33</b>
3.1. TCC 1.....	33
3.2. TCC 2 .....	34
3.3 MEMORIAL INDIVIDUAL .....	35
3.3.1 ANNA .....	35
3.3.2 GEISA .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO 1 .....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO 2 .....</b>	<b>50</b>



## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), originou um documentário que constitui em apresentar e entender os diversos fatores contribuintes para que as pessoas acabem em situação de rua. A ideia foi apresentada e analisada juntamente com o professor e foi definido que iríamos ingressar em projetos sociais que desenvolvessem atividades com a população vulnerável, para que facilitasse o nosso contato com essas pessoas em situação de rua.

O tema desse trabalho é baseado completamente nas pessoas em situação de rua e os motivos que as levaram (ou obrigaram), elas a escolherem as ruas como refúgio. Usamos como inspiração o canal do Youtube *Invisíveis: o olhar delxs*, que traz um episódio chamado *Invisíveis: moradores*, onde pessoas em situação de rua falam sobre a vida na rua, o futuro e opiniões sobre o mundo.

No primeiro capítulo, foi realizado um apanhado histórico sobre as pessoas em vulnerabilidade social, apresentando dados resgatados de uma pesquisa feita pelo governo federal, sobre o perfil das pessoas em situação de rua.

O segundo capítulo foi baseado em pesquisas teóricas, utilizando como referência, autores do mundo audiovisual. Foi feito um contexto histórico sobre o gênero documentário, seus modos e formas de produção. Aqui também foi criado o roteiro de gravação, com perguntas dirigidas.

Na última parte, ocorreram as gravações que duraram dois dias, quando entrevistadas 10 pessoas em situação de rua, utilizamos o roteiro de perguntas para direcionar as entrevistas, contudo, deixamos os entrevistados acrescentarem informações. Após as gravações terminarem, o documentário foi finalizado com a edição, contratamos um cinegrafista para as gravações e edição do material, mas todo o processo seguiu nossas orientações.

Durante a produção deste trabalho, desde a pesquisa teórica até a pesquisa em campo, foi possível executar na prática todo o aprendizado adquirido ao longo dos quatro anos, de forma teórica. Mesmo sem experiência com produção de documentário, a orientação do professor foi fundamental para que esse produto audiovisual fosse concluído com êxito.

Por fim, podemos considerar este trabalho relevante para futuras pesquisas sob os fatores diversos que resultam na população de rua, para que dessa forma,

políticas públicas sejam desenvolvidas a fim de respaldar os direitos constitucionais dessas pessoas.

## 1- VULNERABILIDADE SOCIAL

É muito comum, principalmente nas grandes cidades, a presença de pessoas que dormem nas calçadas, em bancos da praça, embaixo da ponte e em outros diversos lugares insalubres. Denominadas como "moradores de rua" essas pessoas estão nessa situação por diferentes razões. Apesar da particularidade de cada uma, existem fatores em comum.

Uma pesquisa realizada pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS)<sup>1</sup>, em 2009, aponta que o maior fator para estas pessoas procurarem as ruas, é o alcoolismo, sendo, 35,5% alcoolismo e drogas, 28,8% perda de emprego e 29,1% conflitos familiares.

A análise revelou também que, apesar de ser raro, muitas pessoas vão parar na rua por escolha. Na maioria das vezes, essa escolha é por conta de violências e abusos domésticos.

Essa escolha está relacionada a uma noção (ainda que vaga) de liberdade proporcionada pela rua, e acaba sendo um fator fundamental para explicar não apenas a saída de casa, mas também as razões da permanência na rua. (Pesquisa MDS)

A mesma pesquisa aponta ainda que se refere ao gênero, a maior parte da população de rua é composta por homens (82%), dessa maioria, 15,3% são jovens entre 18 e 25 anos e 27% são entre 26 e 35 anos. As mulheres representam 18% sendo que 21,17 são jovens entre 18 e 25 anos e 31,06% tem entre 26 e 35 anos.

Apesar de ser uma pesquisa antiga, é a mais completa e abrangente que fez um levantamento de dados do país inteiro. No Brasil, a situação de rua já se tornou algo permanente.

A pesquisa indica ainda que 48,5% das pessoas estão na rua há mais de dois anos e que 30% há mais de cinco anos. Ainda de acordo com a pesquisa, essas pessoas fazem parte do "trabalho informal", onde 70,9% possuem uma atividade com remuneração e 58,6% dizem ter uma profissão.

---

<sup>1</sup>[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Livros/Rua\\_aprendendo\\_a\\_contar.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf) / Acesso em 06.05.2020)

De acordo com Abreu e Salvadori (apud Ferreira e Machado, 2007) quatro fatores influenciam para que as pessoas vão morar nas ruas: experiências de violências, uso e abuso de drogas, desemprego e problemas de saúde.

Estes quatro grupos apresentados não abrangem todas as situações possivelmente encontradas no espaço das ruas, e também não podem ser vistas como determinantes absolutos per si, muitas vezes isolados ou combinados, contribuem para a intensificação de processos de exclusão social, nem sempre levando os indivíduos a ocuparem as ruas. (ABREU E SALVADORI 2015, p. 5)

Partindo do contexto histórico, as pessoas em situação de rua estão presentes na sociedade, desde a antiguidade, caracterizando-as pela miséria e exclusão. De acordo com Honório (2016 pg. 4 apud. Costa 2005, apud Simões Júnior, 1992) desde sempre existem registro de pessoas em situação de rua, separados da elite.

Apesar de o fenômeno ter várias conotações ao longo da História, morar na rua sempre esteve relacionado ao espaço urbano. A civilização grega e o Império Romano também geram pessoas vivendo nas ruas; na Idade Média, há notícias, inclusive, de uma certa "profissionalização" da situação de rua. Já, na Era Industrial, sabe-se que teria havido repressão generalizada à difusão de atividades ligadas à vagabundagem e à mendicância. (HONÓRIO 2016, p. 4)

Segundo Honório (2016) outra característica dessa população é a fragilidade física e mental, "principalmente naqueles que já vivem há muito tempo nas ruas, o que torna esse problema mais grave" (Honório, 2016 p. 7) Segundo a mesma autora, a população de rua é considerada "sobrantes" por não fazer parte da estrutura econômica e social. Essas pessoas não têm participação nas atividades da sociedade, as tornando rejeitadas.

Essas pessoas sofrem exclusão por parte da sociedade, de acordo com Honório (2016) desde o início deste milênio.

[...] ocasionada pelas mudanças econômicas, pela ruptura de vínculos familiares e afetivos no convívio social, pela falta de perspectivas de vida, pelo pouco acesso à informação e pela perda de autoestima e da dignidade, além da perda de emprego, situações de violência, perda de entes queridos, desenvolvimento de doenças mentais ou a escolha pela dependência química, o

que muitas vezes ocasiona na dificuldade de retornar para o convívio familiar e/ou um lar convencional. (HONÓRIO 2016, p. 7)

A exclusão social com as pessoas em situação de rua, ocasiona diversas consequências, como por exemplo, problemas de saúde, miséria e tráfico de drogas. Na mesma citada, Honório aponta que as pessoas em situação de rua são facilmente visualizadas por apresentarem características como, “vestes sujas e sapatos surrados, denotando seu estado de vulnerabilidade pela sua condição, e expressando sua singularidade nos pertences que carregam.” (HONORIO, 2016, p. 07)

De acordo com a mesma autora, um fator que tem grande contribuição para o aumento da população de rua é o preconceito da sociedade para/com eles. Honório (2016, ud. Rodrigues 2015) pontua que “os indivíduos desprovidos de família, emprego, residência e bens materiais são taxados pela sociedade de mendigos, indigentes, desocupados, vagabundos e uma série de outros estereótipos, dos quais a cidadania assume papel coadjuvante.”

Nesse contexto, o preconceito impede que os moradores em situação de rua tenham oportunidade de se inserir no mercado de trabalho e conquistar seu espaço na sociedade e uma melhor qualidade de vida (HONÓRIO, 2016 p.10).

Entre os fatores citados anteriormente, a ruptura dos laços familiares deve ser considerada fundamental para a decisão de ir residir nas ruas. O rompimento desses laços, de acordo com HONÓRIO (2016, p. 10), “nem sempre é definitiva ou irreversível, pois muitas vezes a família nem tem conhecimento da situação”.

HONÓRIO (2016 p 10. apud. Santos, 2009) afirma que “o afastamento da família, elemento fundamental de apoio material, de solidariedades e de referência no cotidiano, permite uma primeira e basilar configuração da população de rua: é um grupo social que apresenta vulnerabilidade nos vínculos familiares e comunitários”.

[...] em geral são a orientação sexual do morador de rua, o alcoolismo, o consumo ou tráfico de drogas que influenciam não só a unidade familiar pelos conflitos, mas pelo desequilíbrio do orçamento doméstico; o envolvimento em assaltos ou outros crimes, conflitos de valores, a violência ou abuso sexual por parte de algum parente – pai, irmão, padrasto. Existem ainda aqueles que são expulsos de casa ou abandonados pela família por

representarem um empecilho, um estorvo para os parentes. Dentre os quais estão os doentes mentais, alguns idosos e deficientes físicos que representam a parcela inativa da sociedade, portanto a família não tem perspectiva de que eles venham a contribuir nas despesas da casa, os custos com sua saúde são altos, além de, em certos casos, colocarem seus familiares em situações de risco. Ocorrem também situações em que os moradores saem de casa e se perdem, passando a habitar as ruas da cidade. (HONÓRIO 2016, p.10 apud Santos, 2009)

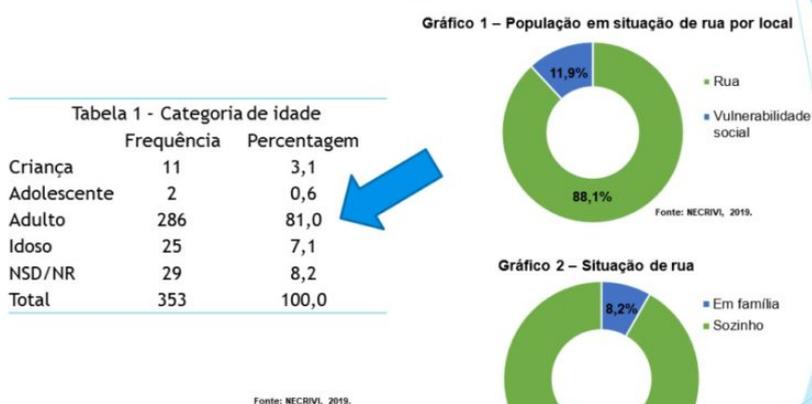
Sendo assim, baseando na obra de Honório (2016) e a pesquisa do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, é possível aferir que o consumo de álcool e drogas é um refúgio para essa população que perdeu o vínculo familiar e que enfrentam as dificuldades das ruas.

### 1.1 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM GOIÁS

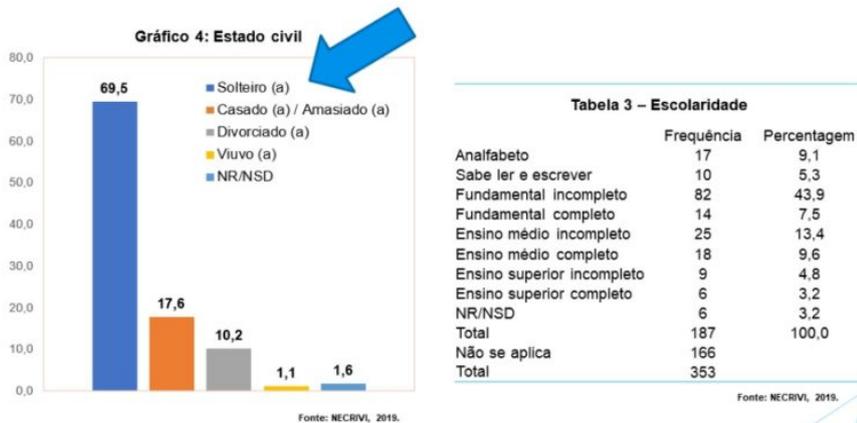
Em 2019 a Universidade Federal de Goiás (UFG) realizou uma pesquisa para identificar as demandas da população de rua a fim de criar políticas públicas. A pesquisa abaixo discriminada, apontou que pelo menos 353 pessoas viviam nas ruas de Goiânia naquela época, sendo, idosos, adultos, jovens e crianças. Em 2015 outra pesquisa já havia sido realizada pela própria UFG, registrando aproximadamente 351 pessoas que viviam nas ruas.

A pesquisa realizada em 2019, apontava que 81% da população de rua era composta por adulto, diferente de pesquisas anteriores, onde foram registrados a maioria da população (sendo) criança. Outra característica que pode ser observada na pesquisa abaixo inserida é que 75% são negros, 91% moram sozinhos e apenas 8,2% possuem toda a família morando na rua. A pesquisa apontou também que 34% das pessoas vão para as ruas por conta de problemas familiares e que 61,5% dos moradores nunca tiveram carteira assinada e 41% mora nas ruas a mais de dois anos.

## Perfil da população que mora nas ruas



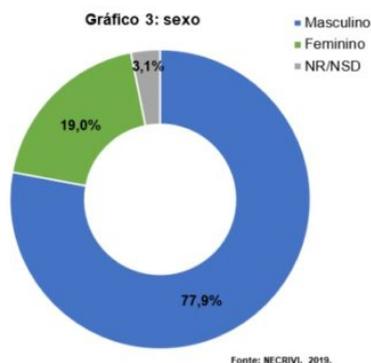
## Perfil da população que mora nas ruas



<sup>2</sup> Imagens retiradas da pesquisa realizada pela a Universidade Federal de Goiás.

<https://www.goiania.go.gov.br/censo-levanta-perfil-da-populacao-de-rua-na-capital/> (Acesso em: 20.05.2020)

## Perfil da população que mora nas ruas



**Tabela 2 – Raça/etnia**

	Frequência	Porcentagem
Branca	68	19,3
Negra	266	75,4
Amarela/ Asiatica	1	,3
Indígena	2	,6
NR/NSD	16	4,5
Total	353	100,0

Fonte: NECRIVI, 2019.

## Tempo em situação de rua

**Tabela 4 – Tempo que está em situação de rua?**

	Frequência	Porcentagem
Até 1 mês	19	10,2
Mais de 1 mês até 3 meses	10	5,3
Mais de meses até 1 ano	35	18,7
Mais de 1 ano até 2 anos	15	8,0
Mais de 2 anos	77	41,2
NSD/NR	31	16,6
Total	187	100,0
Não se aplica	166	
Total	353	

Fonte: NECRIVI, 2019.

Em 2016, Núcleo de Estudos Sobre Criminalidade e Violência da Universidade Federal de Goiás (Necriv-UFG)<sup>3</sup> fez um levantamento onde apontou que entre agosto de 2012 e maio de 2015 foram assassinados, 61 moradores de rua.

Em entrevista ao G1 Goiás que divulgou a pesquisa acima mencionada, o sociólogo e professor da UFG Djaci David de Oliveira, coordenador da pesquisa,

<sup>3</sup> <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/03/goiania-teve-61-moradores-mortos-em-tres-anos-diz-pesquisa-da-ufg.html> (acesso em 31.06.2020)

afirmou que dados são preocupantes e que o perfil mais detalhado das vítimas ainda estava sendo analisados “Muitos foram enterrados como indigente e fica difícil esse levantamento. Além disso, o universo de mortes pode ser ainda maior, já que existem mais de 100 corpos sem identificação no IML [Instituto Médico Legal]”.

Em 2017 o Jornal Mais Goiás<sup>4</sup> fez um levantamento, com base nos dados da Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária de Goiás (SSPAP), onde apontou que o número subiu para 86 os casos de moradores de ruas assassinados.

“São pelo menos duas mil pessoas na Grande Goiânia que estão à margem dessa sociedade, não recebem sequer uma assistência multidisciplinar do município e buscam meios de se manter. A droga, em maioria das vezes, é o caminho mais fácil de driblar o frio, a fome e o abandono”, afirmou ao jornal, o Coordenador do Movimento Nacional de População de Rua em Goiás (MNPR-GO), Eduardo de Matos Cheruli, ao jornal Mais Goiás.

## 1.2 POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA VULNERABILIDADE SOCIAL

A Pesquisa Nacional feita em 2009, pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), sobre a População em Situação de Rua, estabeleceu, para tanto, como universo de pesquisa, apenas os municípios com população igual ou superior a trezentos mil habitantes, as capitais de cada estado e o Distrito Federal.

A referida pesquisa contabilizou certas informações sobre o perfil nacional, mas principalmente contabilizou um número de 31.922 pessoas adultas vivendo em “calçadas, praças, rodovias, parques, viadutos, postos de gasolina, praias, barcos, túneis, depósitos e prédios abandonados, becos, lixões, ferro-velho ou pernoitando em instituições (albergues, abrigos, casas de passagem e de apoio e igrejas)” (MDS, 2009).

Tais dados se constituem em referência nacional para se compreender um pouco melhor as características da população em situação de rua nos grandes

---

<sup>4</sup> <https://www.emaisgoias.com.br/limpeza-social-com-mortes-nas-ruas/> (acesso 31.06.2020)

centros urbanos e serviram como referência para o Governo Federal reformular e sistematizar políticas públicas Inter setoriais para a inclusão de pessoas em situação de rua.

Os dados ainda vêm servindo para estimular a realização de outros censos municipais e estaduais, bem como auxiliar no entendimento e abordagem dos problemas sociais dessa população para a criação e implementação de políticas públicas descentralizadas, Estaduais e Municipais. (MDS, 2009).

O texto elaborado para analisar os dados colhidos intitulado de 'Discussão Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil', dentre as várias informações, aponta através de números estimados que os grandes municípios abrigavam, naquele ano, a maior parte dessa população.

Estima-se que existia, na época (em 2009, quando foi realizada a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua), cerca de nove mil pessoas vivem nessa condição, sendo que Goiânia possuía 0,25% pessoa em situação de rua por mil habitantes (NATALINO, 2016) o que corresponde a aproximadamente 686 indivíduos.

O estudo chegou ao número de 351 sujeitos, entre pessoas que ficam predominantemente na rua e também aquelas que usam as instituições de abrigo. As características encontradas se assemelham a de outras pesquisas feitas em âmbito nacional (Secretaria Municipal de Assistência Social de Goiânia), quais sejam: maioria das pessoas é negra, do sexo masculino e com baixa escolaridade.

Foi possível constatar alto índice de violência, seja entre a própria população em situação de rua (lutas de território), seja por moradores da região onde se estabelecem e, também, por agentes do Estado (polícia militar, polícia civil e guarda municipal), mostrando o quanto essa população está vulnerável às mais diversas formas de violência, discriminação e exclusão (Núcleo de Estudos sobre Criminalidade e Violência, NECRIV).

Algumas questões de procedimentos adotados na pesquisa realizada pelo Necriv restaram questionadas pela própria população em situação de rua, que lutam por uma nova pesquisa de abordagem mais refinada, uma vez que há fatores que indicam que o número de pessoas em situação de rua na cidade de Goiânia seja superior ao encontrado naquela ocasião.

A compreensão de outros aspectos não abordados na pesquisa, para além da mera contagem, também é aspiração da população e são dados relevantes para políticas que visem à prevenção de vulnerabilidades e ao enfrentamento de violências a que essas pessoas estão expostas (NECRIV, 2015).

Lamentavelmente, a verba destinada à pesquisa foi suficiente para apenas um dia de campo, com a atuação de dezenas de estudantes universitários/as e pesquisadores professores, que se voluntariaram na coleta dos dados.

Sabe-se que essa população é de natureza migratória, o que prejudica a abrangência de uma pesquisa feita em condições precárias. O próprio CIAMP (Comitê Inter setorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para População em Situação de Rua de Goiás), tem salientado a dificuldade de proposição de políticas sem que haja um censo da população em situação de rua em todo o estado de Goiás, entretanto, assim como ocorre em várias áreas (saúde, segurança pública, educação) há uma disputa entre competências e entre atribuições, sobretudo no que diz respeito ao custeio de uma pesquisa, se da esfera municipal ou estadual.

De acordo com a pesquisa conduzida pelo NECRIV, esta população, em Goiânia, se constitui predominantemente por pessoas do sexo masculino (80,6%), com idade média de 39,5 anos, caracterizados, em sua maioria, como solteiros (65,1%), não brancos (70,9%), escolaridade não além do ensino médio (primário incompleto 38%, ensino médio completo 13%, superior completo 0,5%) e possuem alguma profissão (mais de 81%).

Entre os homens, são ocupações recorrentes: reciclagem (23%) e flanelinha (21%), seguidas de bicos, limpeza e pedreiro (com 7% cada); entre as mulheres, vendedora ambulante (36%) e doméstica (18%), seguidas por panfletagem, cabeleireira, flanelinha, reciclagem e limpeza (com 9% cada).

O Estado de Goiás tem ajudado com a mobilização do Movimento Nacional da População de Rua desde fevereiro de 2015. Desde lá, o Movimento tem se posicionado visando que o Governo e a sociedade percebam que políticas assistencialistas ou heterônomas não vêm logrando êxito, primeiramente, por não serem capazes de gerar vínculos com a população em situação de rua, e, sobretudo, por não captarem as reais demandas que, uma vez atendidas, podem minorar os problemas (MNPR, 2017).

O Movimento traz consigo uma série de informações importantes: a voz desse povo. Seus membros travam um processo de troca de informações entre eles próprios e de conscientização na sociedade. Algumas informações podem ser percebidas em cartilhas confeccionadas pelo movimento e em suas falas:

i) Muitos e diferentes são os motivos de chegada à rua (drogas, vínculos familiares rompidos, pobreza, doenças psicológicas); ii) a droga nem sempre é o motivo da ida às ruas, mas se torna a forma de suportar as adversidades do meio (violência, calor, frio, fome) e motivo de permanência na rua<sup>19</sup>; iii) viviam anteriormente uma situação distinta daquela aprendida e na rua passam a viver a dinâmica da rua (MNPR, 2017; MNPR 2010).

Frisa-se a importância do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) que segundo seus integrantes, é um movimento político, porém apartidário, composto pela própria população de rua, que se propõe a discutir a consciência política, fortalecimento e organização das pessoas que estão nas ruas ou que possuem trajetória de rua em todo país.

Propõe-se, ainda, a promover o diálogo entre instituições civis, governamentais e demais militantes no intuito de assegurar e ampliar direitos para essa população, expor seus problemas e propor soluções, principalmente através da cobrança de implantação e execução de políticas públicas para esse segmento.

Apesar de ser um movimento recente (iniciado em 1960) já possui consolidação e parcerias em algumas cidades, como em Belo Horizonte, São Paulo, Fortaleza, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, exercendo grande poder de decisão e influência (MNPR, 2017; MNPR 2010).

Ocorre que, mesmo com a atuação forte do MNPR no estado de Goiás existem ainda insuficiências de informações. Em razão de inexistir pesquisa em âmbito estadual e apesar da existência de uma pesquisa de 2015 em Goiânia (feita de forma precária, o que inviabilizou uma percepção mais acurada, necessária à implementação de uma política satisfatória), poucas são as informações sobre o perfil da população de rua no Estado de Goiás.

A própria população de rua auxilia bastante na troca de conhecimentos, mas os dados completos que em muito contribuiriam para a formulação adequada de políticas públicas para essa população ainda não são uma realidade próxima de ocorrer. Razão pela qual o cenário goiano a que se tenha conhecimento se resume

às informações expostas nesse item, mas que são escassas para se formular políticas públicas.

### 1.3 PROJETOS E ORGANIZAÇÕES

O *Projeto Goiânia Invisível* foi criado em 2016 por um grupo de jovens que se inspiraram em um projeto de São Paulo 'SP Invisível'. De acordo com o Instagram do grupo<sup>6</sup>, sem vínculo político ou religioso, eles possuem o objetivo de arrecadar doações para as pessoas em situação de rua, sendo o foco principal itens de higiene. Segundo uma matéria, feita pelo jornal *O popular*, o projeto conta com ajuda de mais de 150 voluntários, composta por jovens de classe média entre 22 e 32 anos. O grupo utiliza do Instagram para contar algumas histórias de pessoas em situação de rua e pedir doações.

A *Casa Acolhida Cidadã I*, inaugurada em 2016 pela prefeitura de Goiânia, de acordo com o portal da Prefeitura de Goiânia,<sup>5</sup> tem como objetivo abrigar temporariamente idosos e crianças em situação de rua, migrantes e imigrantes e pacientes que receberam alta do hospital e não possuem vínculo familiar em Goiânia. Ainda de acordo com a prefeitura, o local tem capacidade para abrigar 240 pessoas.

Disposta em 3 andares, sendo o primeiro composto por uma recepção, cozinha, refeitório e banheiros. No segundo andar, o espaço é reservado aos homens solteiros, com uma sala de televisão, banheiros, espaço para a realização de curativos que se façam necessários. No terceiro andar, o espaço é reservado à famílias e mulheres e também conta com uma sala de televisão, banheiros e uma brinquedoteca para as crianças (PREFEITURA DE GOIÂNIA).

A casa oferece vários atendimentos especializados, orientação para aquisição de documentos pessoais e até mesmo encaminhamento para o mercado de trabalho.

De acordo com uma matéria publicada pelo *G1*<sup>6</sup>, em 2016, a *Associação Tio Cleobaldo* existe há 11 anos, mas Tio Cleobaldo já realiza atividades sócias há 40

---

<sup>6</sup> <https://www.instagram.com/invisivelgo/>

<sup>7</sup> <http://www4.goiania.go.gov.br/portal/site.asp?s=782&m=1762> (acessado 31/06/2020)

<sup>8</sup> <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/12/associacao-oferece-refeicoes-para-moradores-de-rua-veja-como-doar.html>

anos. Em entrevista ao jornal, Tio Cleobaldo explicou que tudo começou quando sua mãe ficou internada no hospital para tratamento de câncer e ele levava marmita para os outros pacientes, daí surgiu a ideia de ajudar as pessoas em situação de rua. Além das marmidas servidas, a associação também orienta na emissão de documentos pessoais e ajuda aqueles que querem sair das ruas, procurando clínicas de reabilitação, quando é necessário.

## 2. DOCUMENTÁRIO

O documentário torna possível que seja dada a atenção necessária a determinadas questões sociais, problemas das minorias e possíveis soluções. Acrescenta uma dimensão tanto para o memorial popular quanto a história social. Através de uma representação audiovisual, os documentários expressam opiniões de pessoas e instituições, representam ideias e conduz o espectador a ter conhecimento sobre o que lhe é apresentado. Essa representação é feita através de três maneiras: de imagens e áudios que coincidem com a realidade, fazendo com que o espectador já tenha a sensação de vivência com a cena retratada fora da tela. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera nos compele a acreditar que a imagem seja a própria realidade representada diante de nós, ao mesmo tempo, em que a história ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar a realidade

Além disso, os documentários representam interesses, dessa forma, os roteiristas retratam a opinião do público ou de patrocinadores. Defendendo também ponto de vista, influenciando reflexões e opiniões. Para DE MELO (2002), o gênero documentário não pode ser reduzido para apenas títulos apelativos, tipos textuais fixos como narração e descrição. Em suas palavras, esse gênero tem características específicas:

Se, por um lado, recorre a procedimentos próprios desse meio - escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção, etc por outro, procura manter uma relação de grande proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto de convenções: registro in loco, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo, etc. (DE MELO, 2002, p. 25).

De acordo com NICHOLS (2005), o documentário é difícil de se definir, por não ter um conjunto de técnicas, formas ou estilos estabelecidos.

Abordagens alternativas são constantemente tentadas e, em seguida, adotadas por outros cineastas ou abandonadas. Existe contestação. Sobressaem-se obras prototípicas, que outras emulam sem jamais serem capazes de copiar ou imitar completamente. Aparecem casos exemplares, que desafiam as

convenções e definem os limites da prática do documentário. Eles expandem e, às vezes, alteram esses limites. (NICHOLS, 2005, p. 48)

Segundo DE MELO (2002), a diferença entre o documentário e a ficção é que nenhum dos dois pode ser descrito como semelhante, pois, a produção do documentário é livre, depende exclusivamente da liberdade como dificilmente em outro meio audiovisual. “Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem” (De Melo, 2002, p. 52).

PENAFRIA, (2001), destaca que a qualidade do filme tem relação de imperfeição com os personagens da vida real. Os diálogos não podem ser previsíveis ou ter algum controle no geral, assim ele denomina o gênero chamando de “argumento encontrado”.

Existem inúmeras formas de se produzir documentário, porém uma característica marcante e sempre presente de acordo com DE MELO (2002), é o fato de ser um discurso pessoal de um evento que prioriza exigências mínimas de verossimilhança, literalidade e o registro in loco.

in loco contemporâneo - o tempo e o espaço do fato/objeto retratado são contemporâneos ao da produção do documentário. Prevalece a ideia do "aqui e agora";

in loco (re)construído - faz referência ao passado, mas acontece no tempo presente. Há uma tentativa de melhor contextualizar o fato (passado) a partir de algum tipo de interferência do documentarista no espaço (presente). Temos o registro in loco (re)construído quando, por exemplo, se constroem cenários/maquetes para que o espectador possa visualizar melhor o objeto ou a ação;

in loco referencial evolutivo - também faz referência ao tempo passado, mas, neste caso, não há uma interferência direta do documentarista no ambiente. A transformação do in loco decorre da ação natural do tempo e da História sobre o espaço geográfico, sobre a paisagem. É o caso das entrevistas realizadas em locais onde aconteceu determinado fato. Nesse caso, as entrevistas podem ser consideradas um registro in loco. (DE MELO, 2002, p. 05-06)

O documentário é um gênero que necessita do “olhar” do autor, para a realização do filme, pode expor suas opiniões e sempre esclarecendo que é o próprio ponto de vista ao espectador.

## 2.1 HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO NO BRASIL

Os cineastas brasileiros responsáveis pelas primeiras imagens por aqui foram os irmãos Afonso e Phascoal Segreto, Silvino dos Santos e major Tomás Reis. No Brasil o movimento surgiu em 1986, com apresentações em salas de Teatro do Rio de Janeiro e depois em São Paulo.

As primeiras imagens a serem produzidas no início do século XX, por meio da fotografia em movimento para registrar as atualidades nas produções de cinejornais e filmes institucionais, em registros de expedições, de acontecimentos históricos, atos oficiais, cerimônias públicas e privadas da elite, funcionamento de fazendas e fábricas, entre outras documentações.

As produções eram financiadas pelo Estado, por coronéis fazendeiros e grandes empresários que sempre estavam sob a classe que possuía poder econômico e/ou político, conseqüentemente eram lançados para a elite daqui e exterior.

Poucos filmes foram reconhecidos em 1920, sendo que a produção de filmes nacionais era baixa e os filmes norte-americanos dominavam o mercado com 80% de exibições, dividindo pouco espaço com o cinema europeu. De acordo com Fábio Francisco de Araújo e Marie Agnes Chauvel (*Estratégias de Lançamento de Filmes Europeus no Mercado Brasileiro: Um Estudo de Caso numa Distribuidora Independente*, 2007, p. 05)

O documentário no Brasil teve fases como mais estatal, nas décadas de 1930 e 1940 até o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, quando se tornou com cunho educativo, oficial, turístico ou cinejornal. Segundo BERNARDET (1990, p. 194), “isso se dava pela influência da escola documentarista inglesa que defendia a função social e o poder de persuasão do documentário como estratégia de domínio imperial britânico e meio de difusão cultural do estado”.

Em 1960, com o desenvolvimento tecnológico, a política, economia e o social estavam em momentos críticos, foi um grande período para que o entusiasmo do

Cinema Novo surgisse. Os novos e jovens cineastas tiveram influências dos movimentos do Neorealismo italiano e da Nouvelle Vague francesa e documentaristas como Jean Rouch e Edgar Morim.

O cineasta Glauber Rocha foi indicado quatro vezes a prêmios em Cannes e ganha com o filme “O Dragão da Maldade e o Santo Guerreiro”. Assim como Nelson Pereira dos Santos também indicado com o filme “Vidas Secas”, ambos em meados de 1960.

A carreira de boa parte dos cineastas naquela época surgiu com documentários em formato de curta-metragem e geralmente produzidos pelo CPC (Centro Popular de Cultura) que era vinculada ao movimento estudantil UNE, líder de grandes movimentos populares.

Com a possibilidade de gravação do som direto, as entrevistas passaram a ser utilizadas desenfadadamente, e a fala do entrevistado passou a ser denominada a voz da experiência. Muitos acreditavam que este mecanismo tornava inquestionável a veracidade do que era dito, o que de fato é questionável, gerando infundáveis discussões sobre linguagem documental até os dias atuais. (RODRIGUES, 2010, p.68)

Problemas técnicos se tornaram elementos estéticos, exemplifica (RODRIGUES, 2010, p.68) “A câmera na mão provocava oscilações, tremores; ela se locomovia com o caminhar do fotógrafo, a luz era natural, estourada, portanto, na maioria das vezes deficiente”.

Com a repressão em 1964, o documentário brasileiro teve o desenvolvimento atrapalhado pela ditadura militar, mesmo assim os documentaristas não deixaram de fazer produções que abordavam temas velados de formas radicalmente originais. Em meados 1980, o cinema documental ganhou uma nova oportunidade com a reabertura política, assim aprofundaram sua produção na história do país.

Em 1990, com o governo de Fernando Collor de Melo, houve a extinção da Embrafilme, responsável por fomentar a distribuição de filmes brasileiros, a consequência foi uma crise no cenário nacional. A produção de documentário só

permaneceu por evoluções em termos de gravações em vídeo e exibição em canais educativos.

Com a rápida evolução da eletrônica e da informática, hoje o vídeo digital está ganhando um mercado cada vez maior na produção cinematográfica. A miniaturização das câmeras, a substituição do sistema analógico pelo digital na captação da imagem e do som e as mais modernas tecnologias de pós-produção estão transformando o filme documentário. É a “era do hibridismo das imagens” (RODRIGUES, 2010 p. 70 apud TEIXEIRA, 2007)

Os números de bilheteria se tornam cada vez mais expressivos, com mais opções nos circuitos comerciais e ultrapassando até grandes nomes consagrados, como: Eduardo Coutinho, Evaldo Mocarzel, João Moreira Salles e outros. Números apontados a partir da obra de Ballerini (BALLERINI, p. 2012) e do artigo de Teresa 73 (TRINDADE, p. 2010) é possível fazer um ranking de público entre os filmes documentais mais vistos entre 1996 e 2010.

Com os avanços tecnológicos e serviços de streaming se tornou possível, grandes economias em suas produções já diretores não independentes ainda sofrem com as grandes estruturas de produção e distribuição do audiovisual, inviabilizando cada vez mais determinados projetos para um público maior.

## 2.2 DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO

O jornalismo e o documentário podem ser confundidos, mas o primeiro tem a necessidade de ser mais objetivo ao transmitir o conteúdo, diferentemente do documentário onde a subjetividade é preferida para contar um fato. É definido como um gênero autoral.

O produto audiovisual para a TV, conhecido como reportagem, tem como objetivo, narrar uma notícia real. É muito comum que documentário e reportagem sejam confundidos, mas existem algumas divergências.

Na reportagem, as informações possuem aspecto de novidade. Mesmo narrado ou dizendo algo que já foi dito, o jornalista sempre traz algo novo. De acordo com PEREIRA (2015, p. 03 apud Charaudeau 2006) “sempre haverá algum elemento novo, uma determinada instância o converte em informação de forma a credibilizar aquele discurso, reportando ações e analisando fatos”.

Na mídia o tempo é prioridade, uma vez que ela tem como função aproximar o momento do fato, com o momento em que ele é noticiado. Isso faz com que as notícias sejam efêmeras, dessa forma, enquanto houver algo novo, elas ainda serão notícias.

No documentário, o tempo não é prioridade. Muitas vezes, na visão do idealizador, quanto mais antigo o fato, melhor ele é de ser explorado. Nesse gênero o diretor tem a opção de escolher o tema de sua preferência, independentemente da sua atualidade. De acordo com PEREIRA (2015), "O caráter de documento vem de algo que pode ou não 'estar em alta', mas é de o desejo do realizador tratar daquele assunto de forma subjetiva."

O documentário é visto como algo que retrata a realidade, porém é preciso destacar que essa realidade é na visão do idealizador, sendo assim, o fato pode ou não ter sido alterado. "O documentarista tem licença poética para estetizar imagens de arquivo" (PEREIRA, 2015, p. 05)

Ao contrário, no jornalismo é necessário que as informações sejam de fontes seguras e oficiais para que tenha credibilidade. Enquanto o documentário usa imagens (estetizada ou não), para contar uma narrativa, o jornalismo usa dessas imagens para provar determinado acontecimento.

Segundo PEREIRA (2006, p. 05) "O campo de informação midiático é de fato construído". A autora afirma que a mídia não repassa a informação de forma "bruta", ela passa por um filtro, fazendo com que o cidadão veja um mundo previamente articulado, sendo apresentado com o mundo real. Dessa forma, PEREIRA (2015, pg. 05 apud Charaudeau 2006) afirma que "nisso, a recepção encontra pontos de referência, e daí surgirá o espaço público".

Desta forma, o documentário e o jornalismo devem retratar o real, porém com abordagens diferentes. Entretanto, é importante ressaltar o cuidado que se deve ter com esse "real". De acordo com PEREIRA (2006, p. 05) "Tanto para documentário quanto para a reportagem, o real trata-se de uma pretensão".

PEREIRA (2006) afirma que o jornalismo é pretensioso ao tentar ser parcial, enquanto isso, o documentário tem uma opinião, uma singularidade e o ponto de vista do diretor.

Outra questão que deve ser considerada é a forma como o espectador recebe a reportagem ou o documentário, interpretando-os de acordo com sua particularidade. É importante considerar que ambos os gêneros são "recortes fragmentados de uma realidade que pode ser vista e revista por inúmeros pontos de vista diferentes" (PEREIRA, 2015 p. 06).

### 2.3 MODOS DO DOCUMENTÁRIO

NICHOLS (2007, p. 27) incita o leitor de sua obra *Introdução ao documentário* a imaginar que todo filme é um documentário, por representar e evidenciar a cultura e a aparência das pessoas numa sociedade real ou ficcional. Segundo o teórico, ao provocar o leitor a imaginar qualquer produção cinematográfica como documentária, seria importante distinguir duas categorias de documentário: o documentário de satisfação de desejos, constituído pelos filmes que associamos ao campo da ficção e que expressa de forma tangível "nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores".

Dentro desse mundo imaginado pelos cineastas em tais filmes (baseados em situações próximas da realidade ou completamente imaginadas), o espectador pode adotar ou rejeitar as construções que lhe são apresentadas. Há também o documentário de representação social, constituído pelos filmes que associamos ao campo da não-ficção, que representa um mundo que já ocupamos, tornando visível a matéria de que é feita a realidade social – isso, de acordo com a seleção e a orientação do cineasta/documentarista.

Nichols (2007, p.27) observa que o documentário está inserido numa triangulação entre documentarista/sobre quem se fala/para quem se fala, formando a sentença *falo deles para você*. No entanto, o autor observa que essa colocação pode ser subvertida, como ele fala deles para nós, que, segundo Nichols, denuncia uma separação entre depoentes e público.

Pode-se ver que esta mídia se mostra como trabalhosa e onerosa no que tange ao seu uso técnico: há que se pensar previamente as gravações, roteirizando como será a pré-produção, a produção e filmagens em si e a pós-produção (edição, montagem etc.). Nichols ainda observa acerca da existência de vários modos de execução aplicados em diferentes épocas e por diferentes documentaristas. O que

mostra o processo de se fazer documentário não como estático, estanque e monolítico, mas em constante diversificação. O modo poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático são algumas das divisões propostas por ele. Para este trabalho, podemos encaixar, sob as definições de Nichols, este projeto com elementos de cunho expositivo, participativo e poético.

#### - MODO EXPOSITIVO

É o modo de documentário mais conhecido. Nele o objetivo é construir uma linha lógica e clara de argumentação. A preocupação é com a defesa de argumentos mais do que com a estética e subjetividade. Aqui predomina a objetividade e se procura narrar um fato de maneira a manter a continuidade da argumentação. Para isso, um dos recursos utilizados é o casamento perfeito entre o dito e o mostrado. É esse o modo predominante no documentário proposto.

Embora não haja a utilização do recurso da “voz off” para conduzir o espectador, há sim uma continuidade temporal e o uso de recursos gráficos para parcamente construir uma linha histórica e lógica da história contada. Há uma preocupação em expor os fatos numa lógica pré-determinada, um sentido da história.

#### - MODO PARTICIPATIVO

O modo participativo se caracteriza pela interação do documentarista com o objeto, com o tema. A forma mais recorrente de fazê-lo é colocar o cineasta em cena. Seja para nos dar a ideia de como é estar numa determinada situação ou para nos mostrar como se sente o documentarista na mesma situação e como ele se transforma a partir dessa interação.

Nas entrevistas a preocupação do documentarista por um instante não é com o espectador, mas com o entrevistado. O uso das entrevistas, essa forma especial de encontro, com as imagens de arquivo procuram reconstruir um arcabouço histórico amplo.

#### - MODO POÉTICO

Esse modo renuncia a algumas convenções da abordagem documentarista. A cronologia, a continuidade no tempo e no espaço não interessam tanto quanto a

relação de sentido das imagens apresentadas. Nichols salienta que esse modo “é particularmente hábil em possibilitar alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico, ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam solução.” (p. 138).

É essa habilidade específica do modo poético que buscamos. Sua habilidade de permear as informações e dar continuidade ao argumento já proposto. A matéria bruta, isto é, o material histórico, as cartas, as fotos são transformadas nas ações de uma atriz, nas indicações de um cenário de teatro. Também a leitura das cartas por parte daqueles que as receberam, ou aos quais foram dirigidas, são elementos poéticos.

#### - MODO OBSERVATIVO

No documentário de observação “olhamos para dentro da vida quando ela é vivida. Os atores sociais interagem uns com os outros, ignorando os cineastas”. É como se a câmera não estivesse presente. Tem pretensão de neutralidade e naturalidade. Transmite a ideia de realidade. Não há narradores nem entrevistas. Muitos chegam a não utilizar nem mesmo legendas ou efeitos sonoros/trilha.

A principal característica desse movimento é a defesa da não-intervenção, ou seja, a câmera deve ser a própria extensão do olhar humano.

#### - MODO REFLEXIVO

O modo reflexivo, pode-se dizer, questiona o próprio modo como o documentário atua e intervém na realidade. Negando a premissa da capacidade da câmera de representação fiel da realidade, o modo reflexivo estimula a consciência do espectador a respeito do modo de se fazer documentários. Segundo Nichols, “o modo reflexivo é o modo de representação mais consciente de si mesmo e aquele que mais se questiona” (NICHOLS, 2007, p. 166). Exemplo: O homem da câmera (Vertov).

#### - MODO PERFORMÁTICO

O modo performático é aquele que dá ênfase às características subjetivas das experiências de vida e dos relatos/depoimentos de personagens. Há uma

combinação entre acontecimentos reais e imaginários, conduzindo o espectador de maneira emocional, e não por argumentos lógicos ou científicos.

Segundo Nichols, o documentário performático “nos convida, como fazem todos os grandes documentários, a ver o mundo com novos olhos e a repensar a nossa relação com ele” (NICHOLS, 2007, p. 176). Como os primeiros documentários, mistura elementos ficcionais com técnicas da oratória para tratar de questões sociais complexas. Traz consigo algumas características do cinema experimental ou de vanguarda.

## 2.4 CONSTRUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO

O documentário é resultado de um processo criativo do cineasta. De acordo com PUCCINI (2009, pg. 177) "uma série de recortes, entre concepção da ideia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso".

Segundo LUCENA (2012, pg. 19) o principal segredo é "trabalhar a ideia de forma que seus contornos fiquem cada vez mais definida para uma abordagem clara do assunto a ser tratado", ou seja, determinar um foco.

Durante a pré-produção o roteiro é escrito, porém, é necessário escolher o assunto ou abordagem que terá o documentário, antes de definir se o roteiro será fechado com detalhes de cena ou não. PUCCINI afirma:

Documentários de arquivo, históricos ou biográficos, podem ser “escritos” antes do início das filmagens. O mesmo já não ocorre se a abordagem do assunto exigir o registro de um evento que não esteja necessariamente vinculado à vontade de produção do filme, como documentários que exploram um corpo-a-corpo com o real, aspecto que define a estilística do Documentário Direto (PUCCINI, 2009, p. 177).

Para a construção de um documentário é preciso um suporte financeiro. Segundo PUCCINI (2006), nem sempre um documentário nasce de uma parceria entre idealizador e produtor.

Os manuais de produção americanos e ingleses, orientam a ser feito uma proposta para os futuros patrocinadores. ou seja, um texto de apresentação do documentarista ao patrocinador. Segundo o autor, é uma forma de convencer os interessados a apoiar o projeto.

Sendo um texto de apresentação, o proponente deverá saber atrair o interesse para o projeto, bem como chamar a atenção para a sua importância, se valendo de poucas páginas de texto escrito. Essa recomendação leva em conta que esses avaliadores não costumam perder muito tempo com leituras extensas (PUCCINI, 2009, p. 1778).

Após os patrocinadores aceitarem a proposta, deve ser iniciada a segunda etapa: A pesquisa. Aqui é feito um levantamento de todas as informações necessárias. De acordo com PUCCINI (2014 pg. 181 apud. Rosenthal 1996 pg. 37) são utilizadas 4 fontes: "1. Material impresso; 2. Material de arquivo (filmes, fotos, arquivos de som); 3. Entrevistas; 4. Pesquisa de campo nas locações de filmagem."

A partir dessas fontes o documentarista deve ler tudo que for possível dentro do seu limite de tempo. Deve ser feito também, levantamento de material de arquivo, fotos, imagens, material sonoro (todos esses elementos devem ter autorização de uso). É muito importante que seja feita uma pré-entrevista com as pessoas que irão participar e uma visita aos lugares de gravação para se familiarizar.

A pré-entrevista é o primeiro contato entre o documentarista e as possíveis pessoas que irão participar do documentário. O objetivo é fornecer informações ou se aprofundar nas informações já coletadas. De acordo com PUCCINI (2014 pg. 182), a pré-entrevista serve como "teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera (no caso de pré-entrevistas gravadas em vídeo) e a articulação verbal do entrevistado."

A visita ao local da gravação é muito importante, pois isso possibilita prevenir situações ou problemas técnicos com a iluminação ou som. Segundo PUCCINI (2014):

Visitas antecipadas às locações de filmagem servem também para definir equipamentos necessários para cada locação, tamanho da equipe técnica mais adequado à cada situação, prevenção quanto a possíveis dificuldades de acesso, obstáculos naturais, resistência de comunidades locais, risco à integridade física da equipe etc (PUCCINI, 2014, p. 183)

O documentário é constituído por um conjunto de imagens que podem ser, originais, material de arquivo ou recursos gráficos. As imagens originais são aquelas obtidas pelos próprios documentários. Segundo PUCCINI (2014) são divididas em dois grupos:

*Eventos autônomos* entendemos todo e qualquer evento que ocorra de forma independente à vontade de produção do filme (...) e *eventos integrados*, por sua vez, são aqueles que ocorrem por força da produção do filme, são organizados e integrados ao filme, ocorrem exclusivamente para o filme. (PUCCINI 2014, pg. 187)

O material de arquivo tem diversas origens, desde reportagens de jornal até mesmo outros documentários. Os gráficos podem ser animações, ou dados técnicos. Para PUCCINI (2014) os mais usados são " intertítulos, ou cartelas de informação textual inscritas na tela."

Outro ponto fundamental para a estética do documentário é o tratamento do som. Nessa etapa pode haver cinco opções, de acordo com PUCCINI (2014) "1. Som direto; 2. Som de arquivo; 3. Voz over; 4. Efeitos sonoros; 5. Trilha musical".

### **3. DIÁRIO DE BORDO**

Este capítulo destinado para o trabalho de conclusão de curso I e II. Durante a produção do TCC I, foram utilizadas pesquisas, referências bibliográficas e reportagens sobre o tema. No TCC II aconteceram as gravações do documentário, decupagem e a edição.

#### **3.1 TCC 1**

Durante esse semestre começamos uma pesquisa para compor este trabalho, os dois primeiros meses foram de bloqueio criativo e sem saber por onde começar. Após as orientações e dúvidas explicadas pelo orientador, ambas conseguimos desenvolver o material. Uma pesquisa de grau alto de dificuldade porque referente ao nosso tema (pessoas em vulnerabilidade social) há poucas matérias, a bibliografia referente ao documentário foi composta por clássicos autores do ramo cinematográfico. Toda a pesquisa dos dois capítulos apresentada foi através da bibliografia indicada pelo orientador, selecionamos com base em autores que o orientador indicou e pesquisadores relacionados.

Nossa maior dificuldade foi em como trabalhar com esses poucos dados e como usar a nosso favor dentro da construção do texto. Percebemos durante a leitura da bibliografia o quanto o tema vem a ser relevante e que necessita ser mais visualizado por justamente ter matérias pouco atuais. O bloqueio criativo influenciou muito em entrega de prazos, houve a dificuldade em começar, mas nada que atrapalhe na entrega final para o fechamento do semestre.

A relação de parceria entre nós, Anna e Geisa foi fundamental, ambas conseguimos trabalhar juntas sem o peso da pressão gerar brigas ou desafetos. Todas as reuniões com o orientador foram produtivas mesmo em época de sistema remoto, poucas vezes tivemos faltas e assim as reuniões eram em conjunto para melhor entendimento. O professor Enzo desde o início contribuiu com dicas, correções e foi extremamente presente. Não tivemos custos por ainda ser o trabalho teórico. Falamos com fontes que representam ONGS e começamos a fazer levantamento de custos para o segundo semestre, para as gravações do documentário.

Toda a pesquisa do semestre 2020/1 foi feita em isolamento social, com reuniões na plataforma Teams da Microsoft e conversas pelo WhatsApp. Até

algumas pré entrevistas com fontes para gravação e para discussão de orçamento com profissionais. Para nossa segurança, não houve nenhum encontro físico.

### 3.2 TCC 2

No TCC 2 demos início as gravações, porém tivemos alguns empecilhos. No TCC 1 já havíamos conversado com algumas fontes que poderiam viabilizar o nosso contato com os moradores de rua, porém ficamos desamparados no TCC 2 porque nossas fontes não puderam nos ajudar.

Começamos uma luta contra o tempo e decidimos procurar outro projeto social, pois, por decisão nossa juntamente com o orientador, concluímos que seria mais viável ir com um grupo que já teria uma proximidade com as pessoas vulneráveis. Nessa busca, encontramos a *Associação Tio Cleobaldo*, uma entidade dedicada a distribuir marmitas para pessoas de baixa renda e em vulnerabilidade social.

Na nossa primeira ida a campo, não gravamos, pois estávamos ali apenas para conhecer a dinâmica. Na segunda vez, já fomos preparadas e levamos a nossa câmera, a ação foi na Avenida Independência, localizada no Centro de Goiânia. Durante as gravações, ficamos atentas em não dar zoom caso algum entrevistado se emocionasse, pois nossa intenção não era explorar a vulnerabilidade sentimental daquelas pessoas. Conhecemos um grupo de jovens que estavam em situação de rua e eles aceitaram gravar com a gente. Foi uma conversa bem aberta e trouxe um outro aspecto que serviu para uma pesquisa e busca de dados.

Os jovens haviam ido parar nas ruas por conta de as famílias não aceitarem suas orientações sexuais, essa parte não aparece no documentário, pois ao áudio da imagem ficou com muitos ruídos e optamos por não colocar. Na nossa pesquisa do TCC 1 não havia nenhum dado referente à homofobia. Depois dessa primeira entrevista, ficamos mais animadas e motivadas para continuar as gravações.

Sabíamos que não seria fácil, mas tínhamos receio de que ninguém quisesse dar entrevista, mas ao contrário do que achávamos, todas as pessoas em situação de rua que procuramos, quiseram ser ouvidos. Nessa mesma ação, ainda entrevistamos mais um morador, que trouxe confirmação das nossas pesquisas.

O motivo deles estarem nas ruas, era um dos principais encontrados na pesquisa feita pelo governo federal, desentendimento familiar por conta do uso de álcool e drogas. Foi uma conversa tranquila e também bem aberta, o entrevistado relatou algumas experiências como pessoa em situação de rua e não recusou a responder nenhuma pergunta.

No primeiro dia de gravação nosso sentimento era de indignação, pois essas pessoas não estão tendo a atenção necessária por parte do poder público, mas também em uma atitude egoísta, ficamos bem felizes de o documentário começar a sair do papel.

No segundo dia de gravação, a ação foi realizada na Praça Joaquim Lúcio, no Setor Campinas, onde entrevistamos mais três homens. O primeiro, nos relatou que estava nas ruas por conta do álcool, o que também confirma nossas pesquisas, o segundo morador ele tinha uma casa pra dormir, mas ficava nas ruas para pegar a comida que é distribuída pela *Associação Tio Cleobaldo* e outras entidades que desenvolvem esse trabalho social.

Esse aspecto também foi novo para gente e precisou ser feito uma nova pesquisa em busca de algum dado. O terceiro homem morava nas ruas também por conta do uso de álcool e drogas. As entrevistas apenas com homens, também confirmaram a informação de que 80% das pessoas em situação de rua são do gênero masculino.

Nos locais onde foram feitas as gravações, não encontramos nenhuma mulher em situação de vulnerabilidade. Após as gravações concluídas, começamos o processo de edição, decupamos a imagem e passamos para o editor a nossa ideia, acompanhamos toda a edição e fizemos várias mudanças ao longo do processo. O orientador sempre muito presente, nos auxiliou, fez várias indicações e nos incentivou.

### 3.3. MEMORIAL INDIVIDUAL

Aqui apresentamos, de forma individual, de que forma contribuímos para que o trabalho fosse desenvolvido.

#### 3.3.1 Anna Gabryella

A ideia do documentário **Sobrevivendo na rua** surgiu da necessidade de transformar a visão de boa parte da população acerca de pessoas que vivem em situação de rua que por muitas vezes são taxadas de vagabundos ou que estão na rua por opção.

Visando essa ideia em comum eu e a Geisa iniciamos as gravações no início de outubro, porém tive muitas dificuldades para encontrar ajuda nesse nesse projeto. O maior problema que encontrei foi a falta de abertura de ONGS que nos aceitassem para termos uma segurança e facilidade em falar com os moradores de rua. Sempre imaginei que seria complicado pedir para alguém em situação vulnerável contar sua história para outro desconhecido. Então, procurei projetos que fazem doações de alimentos, roupas e produtos de higiene para nos acompanhar.

Tentei contato com quatro projetos ativos em Goiânia, sempre davam desculpas ou então, nem respondiam. Logo o nosso orientador comentou da existência da *Associação do Tio Cleobaldo* que já atua há mais de 20 anos com caridade. Tentei entrar em contato para que eu pudesse expor a proposta e fui muito bem recebida, tiveram um interesse único desde a primeira conversa que tive com a Maylla Amorim Lopes (tesoureira e assistente social da associação) que me deu apoio em tudo que precisamos. Mesmo com as gravações já feitas, continuei no projeto e pretendo ser voluntária efetiva.

O segundo problema que eu poderia imaginar que acontecesse seria a dificuldade em as pessoas contarem suas histórias. Confesso que “quebrei” minha cara por nunca ter sido tão bem recebida por fontes como fui pelas 11 pessoas entrevistadas no documentário (fora os demais que não gravaram, mas conversaram).

O terceiro problema foi a pandemia a qual, atrasou boa parte dos planos. Geisa e eu fomos contaminadas e fora alguns problemas emocionais da minha parte que atrapalharam o meu desempenho durante o desenvolvimento do trabalho.

Por fim, estou feliz por ter conseguido superar todos os desafios e entregar um trabalho que conta a vida de alguns dessa minoria e claro, por ter permanecido a

admiração e companheirismo que sempre tive pela Geisa. Nosso orientador que sempre esteve presente e nos ajudando durante a produção e para dúvidas.

### 3.3.2 Geisa

Desde criança eu sempre me questioneei o porquê de as pessoas morarem nas ruas e esse questionamento fez com que ajudasse na escolha do tema para o documentário. A princípio a ideia era falar sobre a higiene pessoal das mulheres em vulnerabilidade social, mas após algumas pesquisas constatamos que a maioria das pessoas em situação de rua são homens e então decidimos falar sobre os fatores que levam as pessoas a irem parar nas ruas.

No início do trabalho eu estava bem empolgada, era um tema que eu gosto e eu já imaginava muitas coisas, porém, quando a pandemia começou, em março, todas as atividades presenciais foram suspensas, eu acabei ficando desanimada e com receios em não conseguir gravar o documentário.

Passei por um momento de bloqueio e não conseguia escrever nada, as ideias na minha cabeça estavam bem desorganizadas e isso fez com que a gente acabasse se atrasando com as datas, mas depois consegui organizar tudo no papel, a presença do nosso orientador, mesmo que de forma online, foi fundamental para nos ajudar a manter a calma e o foco, o orientador passou bastante resiliência.

O processo de produção do documentário, foi a parte mais animadora. Fiquei empolgada após perceber que finalmente estava saindo do papel e se tornando real. O contato com as pessoas em situação de rua foi completamente diferente de como eu e a Anna imaginamos que fosse. Ficamos com receio, pois achávamos que eles seriam agressivos ao nos receber e que não fossem nos responder, mas ao contrário, foram abertos e prestativos.

Apesar do trabalho ter sido em dupla, dividimos funções para que as duas pudessem sem envolver. Durante o TCC 1, fiz as pesquisas, procurei os dados e as referências bibliográficas, tudo isso com a ajuda da Anna. Durante o TCC 2, contribui para a elaboração do roteiro, acompanhei as gravações, ressaltando que durante as gravações, a Anna conduzia as entrevistas com bastante êxito e também participei da edição.

Desenvolver esse projeto não foi uma tarefa fácil, foi bem desafiador. Mas durante todo o processo de produção do documentário, pesquisas e vídeos de referência eu pude "quebrar" muitos pré-conceitos sobre as pessoas em situação de rua.

Em relação ao produto, a escolha partiu da Anna e com o documentário pudemos dar voz e rosto as pessoas que são taxadas de "invisíveis", pela sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após superar os desafios que foram apresentados ao longo do processo de produção desse documentário, onde colocamos todo nosso conhecimento de pesquisas, roteirização, entrevistas, decupagem e edição, concluímos que estamos aptas para exercer a função de jornalistas.

Produzir esse trabalho final foi um desafio, já como citado desenvolvemos todo documentário em tempos de pandemia já COVID-19. Nossas fontes ou pessoas que poderiam nos ajudar a chegar aos moradores não estavam fazendo visitas ou aceitando voluntários devido ao isolamento social até encontrarmos nós *Associação do Tio Cleobaldo* e assim fizeram a ponte entre nós entrevistadoras e eles moradores, fomos imensamente bem recebidos e de coração aberto tanto para ajudar quanto para ouvir.

Não foi fácil, ouvir histórias, ver lágrimas rolando e você não poder ajudar da forma que gostaria. Pensar que pessoas ainda acham que estar ali ao lado da solidam, depressão, bebidas, drogas e às vezes até sem um mínimo de higiene é uma escolha. Apuramos que o grande motivo de ir para a rua são as desavenças familiares, orientação sexual (também não é aceita dentro de casa), desilusões amorosas e até mesmo no âmbito do espiritual

Conseguimos ter uma mínima vivência com os nossos entrevistados, uma realidade bem diferente da nossa (Anna e Geisa), aprendemos e mudamos diversos pontos de vista ao deparar com essa realidade o intuito desde o início foi de quebrar preconceitos, mostrar vivência e o quanto é importante amor e empatia para o próximo.

Acreditamos atingir com este filme não apenas o âmbito acadêmico, mas assim o maior número de pessoas para poder conscientizar e mostrar a realidade de quem em boa parte das vezes é ignorado e esquecido pela sociedade. O jornalismo não pode perder a visão humanizada, aquela que faz você parar de refletir sobre o tema abordado e até mesmo se imaginar em determinada situação.

Vivemos tudo e muito mais do que nos foi ensinado em sala de aula, o filme **Sobrevivendo na Rua** é a parte profissional em que nos sentimos realizadas e gratas por todo apoio e ensino.

## **APÊNDICE - A**

### **ROTEIRO FINAL**

<b>Vídeo</b>	<b>Áudio</b>
--------------	--------------

<p><b>Cena 01: 00:00 – 00:35</b></p> <p>Abertura com pesquisa realizada pelo Ministério de Desenvolvimento Social.</p>	<p>Sem som</p>
<p><b>Cena 02: 00:35 – 00:45</b></p> <p>Vinheta: Imagens de pessoas em situação de rua com o nome <i>Sobrevivendo na Rua</i>.</p>	<p>Sobe BG</p>
<p><b>Cena 03: 00:42 – 00:45</b></p> <p>Imagem com os entrevistados Wanderley de Jesus Santos, Marinho Lima Silva e Bruno Jerônimo Costa.</p>	<p>“Por que vocês estão na rua?”</p>
<p><b>Cena 04: 00:45 – 00:52</b></p> <p>Imagem do grupo respondendo à pergunta.</p>	<p>“É família, falta de emprego e a crise...”</p>
<p><b>Cena 05: 00:53 - 1:16</b></p> <p>Imagem com o entrevistado Cleuder Marcos Ferreira Costa.</p>	<p>“Foi uma questão de desafeto com a família...”</p>
<p><b>Cena 06: 1:17 – 2:02</b></p> <p>Imagem com o entrevistado João Macedo.</p>	<p>“É porque fiquei viúvo... E depois me casei com uma maranhense acabei me mudando para cá...”</p>
<p><b>Cena 07: 2:03 – 3:11</b></p> <p>Imagem com o entrevistado Raimundo Nonato</p>	<p>“Muitas vezes, o que leva a pessoa a se encontrar em situação de rua...”</p>
<p><b>Cena 08: 3:12 – 3:54</b></p>	

<p>Imagem com os entrevistados Wanderley de Jesus Santos, Marinho Lima Silva e Bruno Jerônimo Costa.</p> <p><b>Cena 09: 3:55 – 5:22</b></p> <p>Imagem do entrevistado Cleuder Marcos Ferreira Costa</p> <p><b>Cena 10: 5:22 - 5:32</b></p> <p>Imagem com os entrevistados Wanderley de Jesus Santos, Marinho Lima Silva e Bruno Jerônimo Costa.</p> <p><b>Cena 11: 5:33 – 5:35</b></p> <p>Imagens da Praça Joaquim Lucio, Campinas, Goiânia.</p> <p><b>Cena 12: 5:36 – 6:07</b></p> <p>Imagem com Lindomar Justino Alves</p> <p><b>Cena 13: 6:07 – 6:11</b></p> <p>Imagem do espaço onde os moradores dormem.</p> <p><b>Cena 14: 6:11 – 7:37</b></p> <p>Imagem com o entrevistado Lindomar Justino Alves</p> <p><b>Cena 15: 7:38 – 8:31</b></p>	<p>“Assim, qual foi a pior coisa que vocês já passaram vivendo na rua? Fome ou preconceito?”</p> <p>P: “Se o senhor ganhasse na loteria...?” / R: “Eu ia mostrar para eles que não sou...”</p> <p>Pergunta: “É possível viver na rua sem álcool e droga?” / Resposta: “É possível...”</p> <p>Sobe BG</p> <p>“Alguém já chegou a xingar o senhor ou até te maltratar?”</p> <p>Sobe BG/ Fala do entrevistado Lindomar Justino Alves: “Eu quero pedir pro ministério público...”</p> <p>“Que ajudasse ‘nois’, mesmo que ‘nois’ não tivesse casa...”</p>
---	--

<p>Imagem com o entrevistado João Macedo</p> <p><b>Cena 16: 8:32 – 8:52</b></p> <p>Imagem do espaço onde os moradores vivem e uma moradora dormindo na calçada.</p> <p><b>Cena 17: 8:53 – 9:38</b></p> <p>Imagem com entrevistado que não quis se identificar.</p> <p><b>Cena 18: 9:39 – 10:00</b></p> <p>Imagem com o entrevistado Lindomar Justino Alves.</p> <p><b>Cena 19: 10:01 – 10:25</b></p> <p>Imagem com entrevistado que não quis ser identificado.</p> <p><b>Cena 20: 10:25 – 10:38</b></p> <p>Imagens do entrevistado Lindomar Justino Alves.</p> <p><b>Cena 21: 10:39 – 10:49</b></p> <p>Imagem do espaço onde os moradores dormem.</p> <p><b>Cena 22: 10:50 – 11:33</b></p> <p>Imagens do entrevistado Lindomar Justino Alves.</p> <p><b>Cena 23: 11:34 – 11:50</b></p>	<p>P: “Alguém já maltratou o senhor?” R: “Já, chamam a gente de lixo humano...”</p> <p>Sobe BG</p> <p>“Meu conceito sobre isso é que todos tenham perspectiva de vida, não ser vítima da sociedade...”</p> <p>“Quando chove continuamos no mesmo lugar, aguentando humilhação até para entrar nas marquises e poder dormir...”</p> <p>P: “O que você daria de recado para as pessoas...” /R: “Eu pediria para ajudar o semelhante...”</p> <p>“Igual agora, eles olham pra gente nessa época de política...”</p> <p>“Eles olham para gente nessa época e depois que já está lá dentro da Câmara legislativa, na prefeitura... pronto aí sim esquece de quem o elegeu...”</p> <p>“...Isso nunca pode acontecer sabe por quê?”</p>
--	---

<p>Imagens da Praça Joaquim Lúcio, Campinas, Goiânia.</p> <p><b>Cena 24: 11:51 – 14:28</b> Imagem com o entrevistado Raimundo Nonato.</p> <p><b>Cena 25: 14:28 - 14:57</b> Imagens dos entrevistados</p> <p><b>Cena 26: 14:58 – 16:34</b> Imagem com nomes da equipe e autorizações do uso de imagem.</p>	<p>Sobe BG</p> <p>“Mas tem saída, pra quem por exemplo, vai pra rua, tem oportunidade de sair...”</p> <p>Entrevistado Raimundo Nonato cantando.</p> <p>Sobe BG</p>
---	--

## REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

### LIVROS/ ARTIGOS

ABREU, Deivid de; SALVADORI, Lizandra Vaz. **Pessoas em situação de rua, exclusão social e rualização: reflexões para o serviço social**, Seminário Nacional de Serviço social, Trabalho e Política social, Santa Catarina, 2015.

BALLERINI, Frantiesco. **Cinema Brasileiro no Século XXI**: reflexões de cineastas, produtores, distribuidores, exibidores, artistas, críticos e legisladores sobre os rumos da cinematografia nacional. São Paulo: Summus, 2012.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e Imagens do Povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HONÓRIO, Luciângela Ramos Orige. **Fatores que contribuem para a reincidência da população em situação de rua**, Araranguá/SC, 2016.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**, UFPE 2002.

PEREIRA, Stefânia Paula Fernandes. **Diferenças formais entre reportagem e documentário: questões da ética no cinema e valorização do personagem**, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**, Campinas, SP: Papyrus, 5° edição, 2007.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário**, Doc On-line, Campinas - SP, 2009.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: Conceito, linguagem e pratica de produção**, São Paulo, Soraia Bini Cury, 2012.

RODRIGUES, Flavia Lima. **Uma breve história sobre o cinema brasileiro**, CES Revista, Juiz de Fora, 2010.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**, Universidade da Beira Interior Departamento de Comunicação e Artes, 2001.

VIEIRA, Flavia Vilela. **A evolução do documentário brasileiro**, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Juiz de Fora, 2006

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal...o que é mesmo documentário?** Senac, São Paulo, 2008.

POLITIZE. **Pessoas em situação de rua: a complexidade da vida nas ruas**, 2017.

TRINDADE, Teresa Noll. **O Documentário e seu Público**. Revista Rumores. USP, São Paulo, Edição 7, v. 1. janeiro-junho de 2010.

## **PESQUISAS/ LEVANTAMENTOS**

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate á Fome. **A Rua: Aprendendo a contar, Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**, Brasília, DF: MDS: Secretaria de Avaliação e gestão de Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

GOIÂNIA, Prefeitura de. **Censo levanta perfil da população de rua na capital**, Goiânia,

### **Reportagens**

GOIÁS, Diário de. **81% dos moradores de rua de Goiânia são adultos e com problemas familiares**, Goiânia, 2019.

GOIÁS, Mais. **Limpeza Social com mortes nas ruas**, Goiânia, 2017.

GOIÁS, G1. **Goiânia teve 61 moradores de rua mortos em três anos, segundo UFG**; Goiânia, 2016

GOIÁS, G1. **Associação oferece refeições para moradores de rua; veja como doar**, Goiânia, 2016.

## **ANEXO – 1**

## **AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

As autorizações do uso de imagem dos entrevistados, foram gravadas em vídeo e está disponível ao final do documentário *Sobrevivendo na rua*.

**ANEXO – 2**

RESOLUÇÃO nº 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Anna Gabyella Alves  
do Curso de Formalismo, matrícula 2011012700104,  
telefone: 62 9 81626359 e-mail annagabyellalves44@gmail.com na  
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos  
Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a  
disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado  
Sobrevivendo na Rua

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme  
permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato  
especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND);  
Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou  
impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de  
graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 11 de DEZEMBRO de 2020.

Assinatura do(s) autor(es) Anna Gabyella Alves

Nome completo do autor Anna Gabyella Alves

Assinatura do professor-orientador Enzo de Lísita

Nome completo do professor-orientador ENZO DE LISITA

RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Geisa Peixoto dos Reis  
do Curso de jornalismo, matrícula 2017101270260  
telefone: 62 991639457 e-mail geisapeixoto06@gmail.com, na  
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos  
Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a  
disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado  
Sobrevivendo na Rua

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme  
permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato  
especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND);  
Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou  
impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de  
graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 10 de DEZEMBRO de 2020.

Assinatura do(s) autor(es) Geisa Peixoto dos Reis

Nome completo do autor Geisa Peixoto dos Reis

Assinatura do professor-orientador Enzo De Joch

Nome completo do professor-orientador ENZO DE LISITA